

Documentação

OCIOAMBIENTAL

Fonte: OCISA

Data: 21/3/2000 Pg A2

Class. 45

GARO BATMANIAN

Floresta é solução, e não problema

Ao comemorarmos hoje o Dia Mundial de Florestas, uma reflexão se faz necessária no país que detém um volume invejável de recursos florestais – o Brasil possui 10% de todas as florestas do mundo, atrás apenas do Canadá, com 17%, e da Rússia, com 11% –, que também é o país onde a idéia de proteção do meio ambiente é ainda, e erroneamente, associada ao entrave do desenvolvimento econômico.

É preciso começar a usá-la como fonte sustentável de geração de divisas

Ao entrarmos no novo milênio, é lamentável que esse conceito ultrapassado se sobreponha aos dados concretos de que a proteção ambiental é, de fato, uma alavanca fundamental para o desenvolvimento de forma duradoura.

A preservação e o uso racional de nossos recursos naturais precisam, de uma vez por todas, deixar de ser encarados como problema e ser aceitos como solução lucrativa e importante dentro da economia nacional. O setor florestal, segundo dados do próprio governo, contribui com 4% na formação do PIB nacional e com 8% das exportações nacionais; gera 1,6 milhão de empregos diretos e apresenta uma receita anual de R\$ 20 bilhões. Números como esses não podem ser desprezados e suscitam questões para as quais o governo não oferece respostas convincentes. A recusa de bancos oficiais, como o BNDES, em financiar áreas sob manejo florestal – áreas onde o corte de árvores é feito de forma sustentável – é uma dessas decisões difíceis de serem entendidas e aceitas. Afinal, existem vários exemplos de manejo que geraram resultados positivos, incluindo o Projeto Piloto de Manejo Florestal do WWF/Imazon no pólo madeireiro de Paragominas, no Pará.

Apesar das evidências, recentemente o governo concedeu linha de financiamento especial à agricultura e nada ao setor florestal. Esse esquecimento estratégico contribui para alimentar o mito de que danos ambientais causados pela exploração madeireira são inevitáveis, sem falar nas perdas no setor. Os tratores

que retiram a madeira causam mais estragos à floresta que o necessário. E cerca de 50% da madeira que entra na serraria são perdidos por causa do uso de equipamentos inadequados – por exemplo, as serras utilizadas atualmente não estão de acordo com as recomendações para um bom manejo florestal.

No aspecto legal, a revisão do Código Florestal, atualmente em curso, é uma grande oportunidade que o Congresso Nacional tem de contribuir para a conservação dos recursos naturais, incorporando à legislação a noção de que o manejo sustentável é um instrumento vital para o desenvolvimento, e não um entrave a ele; como alega o setor agropecuário.

O Brasil também aparece timidamente quando a questão é a certificação de madeira e de outros produtos pelo selo verde do Forest Stewardship Council (FSC); ou Conselho de Manejo Florestal. Ao garantir o manejo da floresta evitando seu desgaste e destruição, o selo verde do FSC também sinaliza com benefícios para a população local que sobrevive da floresta, além de abrir portas para o mercado internacional, cada vez mais exigente no que diz respeito à procedência de produtos florestais.

A busca de madeira certificada pelo FSC está se tornando o padrão do mercado inter-

nacional (Europa e EUA). Cada vez mais os consumidores internacionais se unem para exigir garantias de produtos que respeitem a preservação da natureza e os direitos humanos das populações locais. Hoje, existem grupos organizados de compradores que condicionam a aquisição de madeira ao selo verde. Mesmo assim, no Brasil apenas 80 mil hectares de florestas nativas e 600 mil de florestas plantadas são certificadas com selo do FSC, enquanto a Bolívia, com menos área florestal que o Brasil, tem 800 mil hectares de florestas nativas certificadas, ou seja, é um país mais competitivo que o nosso no mercado internacional.

Queimadas e incêndios florestais também são assuntos que precisam ser revisitados urgentemente. A postura governamental é a mesma há 30 anos e pouco tem sido feito para evitar as queimadas que ocorrem todos os anos. Até hoje o governo nem sequer estabeleceu um sistema de controle para determinar o real impacto das queimadas. Sabe-se que o número de focos de queimadas atinge cerca de 30 mil por mês, no auge da estação seca, em todo o País. Mas não se sabe com certeza quantos hectares de florestas são queimados todos os anos. Portanto, não há como ter um programa efetivo e de longo prazo de combate às queimadas.

Desenvolvimento não precisa ser sinônimo de destruição. O uso racional dos recursos florestais pode ser complementado, por exemplo, pelo turismo. O turismo é hoje a in-

dústria que mais cresce no mundo e os países que souberam utilizar esse crescimento em seu favor, como a Costa Rica, transformaram suas florestas em fontes geradoras de renda, ao mesmo tempo que protegem um bem de valor inestimável: a biodiversidade. A Costa Rica, um país 167 vezes menor que o Brasil, é o destino mais comum para o turista que deseja conhecer uma floresta tropical. Sem dúvida, uma ironia para o Brasil, que é dono de um terço das florestas tropicais do mundo, reconhecidas internacionalmente como verdadeiros santuários de biodiversidade.

A preservação de florestas é inversamente proporcional à noção de acúmulo de terras ociosas, mas a política oficial parece não ver dessa forma. O Plano Plurianual (PPA) do governo não dá a devida atenção nem prevê recursos adequados para a proteção dos parques nacionais, ao mesmo tempo que propõe obras de infraestrutura que ameaçam as florestas remanescentes. Segundo um estudo científico recente divulgado com exclusividade neste jornal, um dos programas do PPA para recuperar e pavimentar quatro estradas no norte do País (BR 163, BR 319, BR 230 – trecho Marabá-Rurópolis – e BR 174), pode levar à destruição de 180 mil km² de florestas, área equivalente ao dobro da extensão de Portugal. Ao comemorarmos o Dia Mundial de Florestas, devemos perguntar se é esse o tratamento que a população brasileira quer dar ao seu patrimônio florestal.

De volta ao ponto de partida, percebemos que o que está, de fato, em jogo é a valorização de nossas florestas pela sociedade brasileira. É preciso deixar para trás a visão de florestas como “peso morto” que solapa o desenvolvimento econômico e social e começar a usá-las em nosso favor, como fonte sustentável de geração de divisas e como setor produtivo e lucrativo capaz de melhorar a qualidade de vida da sociedade.



■ Garo Batmanian, PhD em Ecologia, é diretor-executivo do WWF-Brasil

■ O artigo de Antonio Carlos Pereira, excepcionalmente, não será publicado hoje.